

Projeto A escola vai à ópera: O “ouvir música” dos alunos do Educandário

Gonçalves de Araújo

Ana Claudia Reis

Universidade Federal do Rio de Janeiro
clausreis@gmail.com

Maria José Chevitarese

Universidade Federal do Rio de Janeiro
zezechevitarese@gmail.com

Resumo: Este artigo relata a avaliação da experiência musical vivenciada por alunos do Educandário Gonçalves de Araújo através da participação no projeto “A escola vai à ópera”, assistindo a obra *O Limpador de Chaminés* de Benjamin Britten. O objetivo foi verificar através de entrevistas com 30 alunos, a experiência do “ouvir música”. Os referenciais utilizados foram as propostas dos educadores musicais França e Swanwick (2002) e Palheiros (2006); do etnomusicólogo Merriam (1964), que trata das funções sociais da música e dos pesquisadores Juslin e Persson (2002) e Juslin e Sloboda (2001) que levantam questões relacionadas à psicologia da música. Verificamos através das entrevistas que a participação no projeto “A escola vai à ópera” oportunizou aos alunos do EGA um “ouvir música” significativo que lhe permitiu externar suas expressões emocionais, suas ideias acerca do gênero ópera e do tema trabalho infantil escravo de maneira crítica e criativa.

Palavras-chave: Ouvir música. Ópera. Trabalho Infantil.

Introdução

De acordo com França e Swanwick (2002), o ouvir é essencial para o desenvolvimento musical, pois permeia toda experiência musical ativa. É necessário, no entanto, distinguir entre o ouvir como meio, implícito nas outras atividades musicais, e o ouvir como fim em si mesmo.

No primeiro caso, o ouvir estará monitorando o resultado musical nas várias atividades. No segundo, reafirma-se o valor intrínseco da atividade de se ouvir música enquanto apreciação musical. O status da apreciação enquanto atividade pode ser questionado: como ela não implica necessariamente um comportamento externalizável, é frequentemente considerada a mais passiva das atividades musicais. No entanto, a aparência de uma atitude receptiva não deve mascarar o ativo processo perceptivo que acontece, uma vez que a

mente e o espírito do ouvinte são mobilizados (FRANÇA; SWANWICK, 2002, p. 12).

Segundo Palheiros (2006) o termo *habitus* de ouvir de Bourdieu foi adaptado por Becker e sugere uma disposição para ouvir com um determinado tipo de enfoque, esperando experimentar certas emoções. São propostos quatro modos de ouvir música: 1) ouvir música de fundo; 2) ouvir como acompanhamento de atividades; 3) ouvir como atividade principal; 4) ouvir e interpretar atividades musicais. Destacaremos aqui o terceiro modo; ouvir música como atividade principal.

De acordo com a autora, ao ouvir música como atividade principal a criança ouve a música intencionalmente e concentrada mentalmente. Ouvir com atenção focada e envolvimento emocional pode ter funções emocionais e cognitivas, como o prazer estético. (PALHEIROS, 2006, p. 324 - 325)

Observamos a função emocional da música nas pesquisas de Allan Merriam (1964) que identificou e categorizou dez funções sociais da música.

Função de expressão emocional: refere-se à função da música como uma expressão da liberação dos sentimentos, liberação das ideias reveladas ou não reveladas na fala das pessoas. É como se fosse uma forma de desabafo de emoções através da música. Uma importante função da música, então, é a oportunidade que ela dá para uma variedade de expressões emocionais – “o descargo de pensamentos e ideias, a oportunidade de alívio e, talvez, a resolução de conflitos, bem como a manifestação da criatividade e a expressão das hostilidades” (MERRIAM, 1964, p. 219).

Segundo Juslin e Persson (2002), as emoções são difíceis de definir e medir, mas a maioria dos pesquisadores concorda que o termo “emoção musical” envolve um conjunto de fatores: avaliação cognitiva, sentimento subjetivo, aspectos fisiológicos, expressão emocional e tendência de ação (JUSLIN; PERSSON, 2002, p.221).

Sobre a expressão emocional, Juslin e Sloboda (2001) destacam que estudos revelam que as emoções musicais mais frequentemente sentidas por ouvintes, são: felicidade, calma, nostalgia, amor, tristeza, interesse, esperança, emoção e desejo. (JUSLIN; SLOBODA, 2001).

Consideramos o ouvir música enquanto atividade de apreciação musical onde os ouvintes são envolvidos em um processo perceptivo e receptivo ativo sendo, portanto, capazes de externar expressões emocionais e uma avaliação crítica acerca da música ouvida.

Buscamos avaliar esse “ouvir música” através de entrevistas realizadas com alunos do Educandário Gonçalves de Araújo que assistiram a ópera *O Limpador de Chaminés* de Benjamin Britten.

O EGA - Educandário Gonçalves de Araújo

O Educandário Gonçalves de Araújo foi inaugurado em 30 de dezembro de 1900, pelo Presidente Campos Salles. Criado pelo Estatuto de 1881, sob o nome de Asilo para a Infância Desvalida, projetado pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, teve seu Regulamento aprovado em 1885. Nele eram oferecidas matérias técnicas, de escrituração mercantil, de noções de direito comercial. Previa ainda o ensino profissional, ginástica, música vocal e a instrumental.

Dificuldades econômicas levaram à suspensão das obras do prédio no Campo de São Cristóvão 310, São Cristóvão, Rio de Janeiro, sendo este imóvel alienado ao governo imperial que nele instalou o Colégio Pedro II. Gonçalves de Araújo, comerciante português, membro da Irmandade, falecido em 21 de setembro de 1889, destinou em seu testamento quase toda sua fortuna para construção ou aquisição de um imóvel destinado ao asilo e determinou que além do sustento, educação e instrução primária, se desse às crianças também instrução industrial.

Inicialmente o Educandário era destinado a internos de ambos os sexos. Foi transformado em Repartição autônoma em 1902 e passou a receber somente meninas, instalando-se mais tarde, em Teresópolis, o novo Departamento masculino, transferido posteriormente para o prédio da Rua Teixeira Júnior, 158, São Cristóvão, Rio de Janeiro.

Em 2009, por determinação da Promotoria Pública, o Educandário deixou de atender em regime de internato, passando ao regime de externato misto. Entre 2009-2013, a Comunidade Educativa construiu um Projeto Político Pedagógico para uma escola integral em tempo integral, regime que vigora atualmente.

Desde a inauguração do educandário a música é ministrada como disciplina. Os alunos têm como atividades o coral da escola e as aulas de instrumentos de banda que são oferecidas em oficinas de sopro, percussão e metais. A instituição possui também atividades de teatro e dança.

O projeto e as entrevistas

O projeto “A escola vai à ópera” foi idealizado pela professora Maria José Chevitarese¹ em 2008, está atualmente em sua 6ª edição e já atingiu um público de cerca de seis mil crianças e adolescentes. O objetivo principal é promover apresentações de óperas, com temáticas infantis na Escola de Música da UFRJ para alunos da rede pública de ensino da região metropolitana do Rio de Janeiro tendo como proposta o aprimoramento da escuta e da apreciação musical dos alunos.

Em outubro de 2015 foi encenada a ópera *O Limpador de Chaminés* de Benjamin Britten que versa sobre trabalho infantil, com libreto de Eric Crozier adaptado em língua portuguesa por Francisco Nery e Regiana Antoniniz.

As escolas inscritas para assistir as óperas do projeto, recebem com antecedência de dois meses, o libreto da ópera para que os professores tenham oportunidade de trabalhar o tema proposto associado aos conteúdos de outras disciplinas.

Um mês após a apresentação da ópera foi elaborado um roteiro de entrevistas para os alunos do EGA compostos de sete perguntas relacionadas às experiências anteriores com música, com ópera e suas impressões sobre o espetáculo. As entrevistas foram realizadas no educandário e contou com a participação de 30 crianças e adolescentes. Todos os participantes e seus responsáveis assinaram um termo de consentimento para a entrevista permitindo a divulgação de seus nomes reais e de suas respostas. Destacaremos algumas perguntas e respostas que consideramos mais significativas aos objetivos deste artigo.

¹Maria José Chevitarese é diretora da Escola de Música da UFRJ, diretora artística e regente do Coral Infantil da UFRJ e do Coral Brasil Ensemble UFRJ. É professora Titular de Canto Coral do Departamento de Música de Conjunto desta instituição e atua também no programa de pós-graduação em música nas áreas de concentração de prática interpretativa (regência coral) e educação musical.

A primeira pergunta realizada foi em relação à experiência dos alunos com música, se eles cantavam ou tocavam algum instrumento. Dezenove alunos responderam que cantam no coral ou tocam algum instrumento na banda da escola, onze alunos responderam que não participam dessas atividades e não estão envolvidos em outras atividades musicais.

A segunda pergunta foi se já haviam assistido alguma ópera e em caso de resposta afirmativa se haviam gostado. Dezesete alunos responderam que nunca haviam assistido a uma ópera, um aluno disse que só assistiu pela televisão e doze alunos disseram que assistiram à ópera *Godó*, o bobo alegre de Francisco Mignone com libreto de Pedro Bloch apresentada em 2013 pelo projeto “A escola vai à ópera”. Todos os alunos responderam que gostaram de assistir à ópera.

A seguir destacaremos algumas respostas individuais dos alunos.

P: O que você achou da apresentação da ópera *O Limpador de Chaminés*? Você compreendeu, gostou da obra?

Nicole, 10 anos: - Eu gostei muito da ópera que além de ser a primeira que eu vi, eu assisti alguns filmes que nenhum deles eu entendi tão bem.

Pedro Victor, 12 anos: - Eu achei que foi ótimo. Eu também achei uma observação assim que aquele garoto, na hora que[...], numa parte da ópera que ele ia tomar banho, ele ficou de cueca. Ele teve uma maturidade assim, vamos supor se fosse uma criança desta ia ficar rindo[...], caraca, tô com vergonha, mas ele não. Ele teve a postura[...].

Thaysa, 11 anos: - Achei bem atuada. A voz atingiu um tom perfeito. Foi muito legal assistir esta ópera. Gostei muito. Compreendi tudo.

Lara, 14 anos: - Compreendi através do panfleto que entregaram. Aí eu li, então já fui assistir a peça sabendo do que eu ia assistir. E talvez se eu não tivesse visto o libreto eu talvez tivesse entendido mais ou menos, mas qualquer coisa eu podia tirar dúvida com o Renato, ou uma coisa assim, mas eu entendi.

Kauany, 16 anos: - Eu achei muito bom. Eu fiquei encantada, na verdade. Antes de ter assistido não me interessava por ópera, mas a partir daquele dia eu comecei a gostar e o professor trouxe aqui pra escola também pra gente. Aí eu gostei.

Giovanna, 13 anos: - Eu achei assim muito interessante, porque o menino tava trabalhando assim na chaminé, trabalhando pros outros caras. Aí chegaram as crianças e viram e estavam querendo ajudar. Aí rolou uma compaixão entre eles. Eu achei muito interessante.

Ricardo, 13 anos: - Achei uma coisa muito nova né, porque pra mim, eu nunca tinha assistido uma ópera, nunca tinha gostado, mas quando eu vi, eu comecei a interagir, comecei a ficar interessado na ópera e até estou começando a assistir algumas, né [...].

Maria Eduarda, 12 anos: - Eu gostei porque foi uma maneira diferente de mostrar o trabalho escravo, de crianças.

Vinícius, 15 anos: - Foi muito interessante porque fala sobre o trabalho infantil e eu, praticamente já tive oportunidade de trabalhar em lugares assim, só que eu não fui. O meu pai conversava comigo e aí eu tive a oportunidade só que eu não aceitei. Achei muito interessante porque falou a realidade, como realmente acontece.

Hudson, 14 anos: - Achei interessante porque foi uma coisa nova na minha vida. Eu não esperava que fosse tão bonito e muito lindo do jeito que foi. Foi uma experiência que eu nunca tinha vivido antes e eu nunca achei que fosse tão lindo quanto foi.

P: O que mais te chamou atenção ao assistir ao espetáculo?

Miguel, 10 anos: - Que o garotinho, não me lembro o nome, o limpador de chaminés, que o pai dele tinha deixado ele ali porque não tinha condições de cuidar dele e aí ele vendeu para uma mulher que pareceu ser má e ele era obrigado a limpar a chaminé.

Nicole, 10 anos: - Foi que os limpadores de chaminés mais velhos eles estavam explorando uma criança que não sabia de muita coisa.

Vanessa, 10 anos: - Aquela parte que eles escondem o menino no baú.

Bruno, 10 anos: - Foi na parte que eles tiraram o garotinho de dentro da chaminé.

Rafaele, 11 anos: - Foi quando o menino Quinzinho foi devolvido para o pai.

Pedro Victor, 12 anos: - Foi naquela parte que o menino estava cantando, e o coral estava cantando todo mundo junto, estava lindo, tudo afinadinho, e aquelas criancinhas pequeninhas. Muito bonitinho!

Alexandra, 13 anos: - O que mais me chamou a atenção foram as crianças pequeninhas, que eu fiquei muito assim, muito surpreendida. As crianças pequeninhas já sabendo cantar ópera e quando começou a soltar as bolhas de [...], aquelas bolhas e pensei que eu estava ali, tipo junto com eles.

Julia Fernandes, 11 anos: - O jeito que a mulher cantava, assim alto. Tem gente que fala que é bem difícil, mas para ela parecia assim bem fácil, ela já sabe.

Kaikue, 11 anos: - A forma deles cantarem.

Carlos, 13 anos: - Tipo assim, que tinha criança assim da nossa idade fazendo tipo assim, coisas que eu nem imaginava.

Thaís, 11 anos: - O que mais me chamou atenção? Como vou dizer [...]. Foi como a voz daquelas garotas conseguia atingir todas aquelas notas e eu não conseguia.

Andressa, 14 anos: - Me chamou atenção que assim, o pai do menino, ele achou que ia vender ele, vender não. Deixar lá, e iam cuidar direito dele, mas só que não, maltrataram ele e disseram [...], foi tipo um trabalho escravo.

Lara, 14 anos: - Habilidade. Habilidade de cantar, de se preocupar com a pronúncia, habilidade de apresentar a peça, porque eu já fiz teatro e é uma coisa muito complicada dos dois juntos, de chamar a atenção e manter a atenção.

Kauany, 16 anos: - O que me encantou foi que além de cantar, atuavam e eu me encantei. A técnica.

Ricardo, 13 anos: - O coral do lado cantando com aquela voz forte. Com aquela voz afirmativa. Quando eles cantavam a gente virava imediatamente para eles porque eles cantavam com uma voz forte. Era muito assim[...]. Eles cantavam[...], impressionante. Ainda mais uma menina lá pequena cantando ópera. Nunca vi na minha vida.

Lucas, 14 anos: - Olha o que mais me chamou a atenção foi a entonação dos cantores.

Maria Eduarda, 12 anos: - Foi de uma criança trabalhar numa casa assim, ser comprada.

Vinícius, 15 anos: - Foi o jeito deles se pôr, falar e cantar ao mesmo tempo. Uma hora falar e na outra se põe na voz e já cantava.

Hudson, 14 anos: - Foi o jeito deles se apresentarem e o modo deles cantarem que chamou mais atenção do pessoal e foi como se a gente tivesse participando também junto com eles.

Ana Carolina, 15 anos: - Assim, muito desempenho, muita organização e muita união deles.

P: Qual a sua opinião sobre a temática da obra; trabalho infantil escravo?

Miguel, 10 anos: - Oh, eu acho que é para o aprendizado das crianças..., mas só se a criança quiser fazer estas coisas, ópera, teatro, etc.

Stephany, 10 anos: - Eu acho que não devia ser feito isto, mas isto foi feito só para a gente aprender como é feito o trabalho escravo e eu não gosto disto.

Nicole, 10 anos: - Muito ruim. Acho que ninguém devia praticar. Que todas as crianças pra mim deviam estar na escola.

Bruno, 10 anos: - Tipo assim, o tema é pra mostrar para as pessoas que todo mundo tem seus direitos e as crianças também.

Rafaele, 11 anos: - Eu acho que trabalho infantil é contra a lei, como dizem todos, eu acho que trabalho escravo não deveria existir em qualquer lugar porque criança tem que estudar, não vai poder fazer trabalho escravo.

Andressa, 14 anos: - Foi tipo que meio incompreensivo porque ele não deveria ir trabalhar nesta idade. Acho legal ter falado neste tema para as pessoas se tocarem.

Lara, 14 anos: - É uma realidade que a gente convive ainda aqui no nosso dia a dia e tal, uma coisa que a gente tem que vencer, mas é uma coisa ainda bastante comum.

Kauany, 16 anos: - Achei muito interessante porque foi uma maneira diferente de mostrar. Até pras crianças daqui também, os menores. Porque pra eles só falar do problema não adianta nada, mas com a ópera foi importante.

Ana Carolina, 15 anos: - Assim tipo eu achei muito bonito porque muitas pessoas sofrem isto e sofrem caladas, não ficam discutindo[...].

A última pergunta foi se após assistirem a este espetáculo, eles gostariam de assistir outros espetáculos desse mesmo gênero. As respostas unânimes foram sim, com certeza, gostariam, mas destacamos duas que nos chamaram a atenção.

Thaysa, 11 anos: - Ah! Se eu gostaria! Eu tenho um professor de música e ele está passando ópera pra gente ouvir. Eu gosto de ouvir, pelo menos eu acho!

Lara, 14 anos: - Gostaria de ver outras[...], porque o que mais me impressionou também foram as idades. Eu vi que tinha crianças ali com o maior vozeirão, cantando, interpretando, atuando. Ai eu falei, Gente! Muito bom! Me deu vontade de assistir mais.

Considerações finais

O “ouvir música” no sentido de apreciação conforme descrito por França e Swanwick (2002) às vezes é considerada como uma atividade passiva nas atividades musicais, mas verificamos através das respostas dos alunos que houve um processo perceptivo ativo tanto dos aspectos musicais, quanto dos aspectos temáticos da ópera. Com relação aos aspectos musicais vários deles referiram-se às questões vocais dos solistas e do coro, a voz, a afinação, a entonação e a pronúncia. Nos aspectos temáticos, verificamos a compreensão e o posicionamento crítico dos alunos acerca do tema do trabalho infantil escravo.

A ópera *O Limpador de Chaminés* foi ouvida pelos alunos de maneira intencional porque já haviam sido previamente informados sobre a temática e estavam concentrados mentalmente para participar do espetáculo. O professor de música do EGA realizou uma contextualização sobre o gênero e sobre o tema em suas aulas, o que possibilitou esta preparação. O “ouvir”, foi a atividade principal, e a parte encenada só contribuiu para que houvesse uma maior compreensão.

Observamos também que o ouvir com atenção focada e envolvimento emocional possibilitou aos alunos expressar verbalmente suas emoções relacionadas ao espetáculo, emoções essas que foram compartilhadas com o professor de música e demais professores da instituição com os quais tivemos a oportunidade de conversar.

Concluimos com essa pesquisa que o projeto “A escola vai à ópera” oportunizou aos alunos do EGA um “ouvir música” significativo que permitiu-lhes externar suas expressões emocionais, suas ideias acerca do gênero ópera e do tema trabalho infantil escravo de maneira crítica e criativa.

Referências

FRANÇA, Cecília C.; SWANWICK, Keith. Composição, Apreciação e Performance na Educação Musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, Porto Alegre, 2002, v.13, n. 21, p. 5 - 41.

JUSLIN, P. N.; PERSON, R.S. Emotional communication. In: PARNCUTT, R.; MCPHERSON, G. E. (Eds.). *The science and psychology of music performance: strategies for teaching and learning*. New York, Oxford University Press, 2002, p. 219 - 236.

JUSLIN, Patrik N.; SLOBODA, John A. (Eds.). *Music and Emotion: Theory and Research*. Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2001. 487 p.

MERRIAM, A. O. *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

PALHEIROS, Graça Boal. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes em diferentes contextos. In: ILARI, Beatriz Senoi (Org). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música - da percepção à produção*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006.